

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 22 DE OUTUBRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 147

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |                 |
|--|-----------------|
| Expediente.....                            |                 |
| Galeria do Elogio Mutuo                    |                 |
| XVI—Henrique de Magalhães.....             | A. DE SOUZA.    |
| Historia dos sete dias.....                | ELOY, O HEROE.  |
| Gazeta rimada.....                         | MELIBEU.        |
| Petro Gobá (Carta a E. Freire).....        | V. MACALHÃES.   |
| Jornal e Revistas.....                     | A.              |
| Elle e o sol, tres sonetos.....            | J. DE M. SILVA. |
| Notas bibliographicas.....                 | V.              |
| «O homem».....                             | A. AZEVEDO.     |
| Cofre das graças.....                      | BIBIANO.        |
| Paginas esquecidas: Daura.....             | F. DE MENEZES.  |
| » Num album poesia.....                    | LUCINDO FILHO.  |
| Platêas e salões.....                      | D. PICOLINO.    |
| Parnazo alegre: A umas orelhas poesia..... | H. MAGALHÃES.   |
| Theatros.....                              | P. TALMA.       |
| Festas, beiles e concertos                 | TIO ANTONIO.    |
| Factos e Noticias.....                     |                 |
| Recobemos.....                             |                 |
| Anuncios.....                              |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAIS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 s 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demars e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaviss publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XVI

HENRIQUE DE MAGALHÃES (\*)

Cahe-nos hoje tractar d'este adoravel poeta.

Desde já pomos em *defilé* deante do seu nome toda a adjectivação do preito e da homenagem a que têm direito verdadeiros talentos, e, aos clarins da fama fal-o-iamos, caso nos fosse dado, elevar-se e transparecer, radiantissimo, como um sol primaveril.

Para gaudio proprio, estas linhas que vamos por aqui traçando não servem para emoldurar caricaturas como de costume, nesta *Galeria do Elogio Mutuo*; o que nos desobriga de caricaturar em prosa chirra e desalinhavada, como a que fabricamos, a physionomia litteraria do Henrique de Magalhães. Diremos portanto d'elle o que o seu proprio talento pela voz eloquente dos seus trabalhos se incumbio de dizer-nos e aos que tem um'alma e entendem a linguagem sonorossissima do metro.

Henrique de Magalhães é um poeta de grande futuro. No rythmo de seus versos, de forma cuidada e de cinzelada estrutura, espanteja-se o encantamento do Bello: Por vezes é um bando de garças, que se levanta em rapido vôo ao minimo rumor e vae manchando de neve a calma profundidade azul do horizonte; por vezes é um ramalhar de arvores toucadas de flores, rubicundas como coraes e pequeninas como labios de criança, e que em delicadas nuvens, aromatizam o ambiente que as rodeia; por outras vezes é o quebro das cascatas que se desfazem em alvados len-

(\*) Esta biographia não apparece—ao contrario de todas as d'esta galeria,—acompanhando o retrato ou a caricatura do biographado, porque, residindo este fóra da Corte e não vindo á ella ha muitos mezes, nem havendo d'elle nenhum retrato moderno, não foi possível, removendo taes obices, uniformisal-a ás suas antecessoras. A biographia do biographo foi feita pelo biographado em o n. 128.

N. da R.

ções, onde á noite, embala-se, como que adormecida, a tremula claridade da Lua, e de dia fuzilam os estiletos vivissimos do Sol.

Nos versos do Henrique modula a sereia loira da poesia as suas mais intimas canções e debatem-se em magicas luctas as illusões, os sonhos, os beijos, os desejos e as esperanças—todos estes bons companheiros que comnosco peregrinam pela vida e que só nos abandonam quando o pendulo do nosso coração se immobilisa como um paralytico.

Ha nos versos do Henrique o dssdobrar de uma alma que ainda não se enroupou, nem se enroupará nunca, com as pennas ennegrecidas da desillusão. Sente-se que o mundo tem-lhe atirado a saliva amarga das desventuras, mas comprehende-se que aquella bella alma não dispõe de tempo para avaliar o fel d'estas miserias, pois que vive a sonhar.

E' o sonho a deliciosa rede de pennas onde ella se embala, ouvindo a linguagem mysteriosa das estrellas e interrogando-as mysteriosamente. E' a sonhar que ella escuta o que dizem as flores, o que rouxinolam as aves, o que mumurejam as fontes, o que segredam as brisas e o que dizem os heijos dos colhris na corolla tremula das camélias.

Tudo isso aquella bella alma escuta, comprehende e nos dá em encantadoras estrophes, que se entornam dentro de nós como amphoras repletas de suavissimos e delicados perfumes.

Henrique de Magalhães é um verdadeiro poeta, ala-se na phantasia até o céu e ahi permanece, isolando-se do mundo. Por vezes julga ter saudade d'elle e canta:

« Plenilunio que doiras a serra,  
Nuvens,—traços de nitido véo,  
O' lampyres! —estrellas da terra,  
O' estrellas! — lampyres do céu;

Vós trazeis-me lembrança tristonha  
De preteritos tempos. Quem dera  
Que voltasse essa quadra risonha...  
O' fagueira, ó gentil Primavera!

No teu seio eu não tinha terrores;  
Via o mundo ridente, em festejos!  
O' que beijos, que sonhos, que amores?..

Ail agora só nutro desejos  
De volver a esse tempo de flores,  
E de amores, de sonhos e beijos... »

Nutre desejos de volver a esse tempo.  
Mas que tempo? se o poeta está nelle,

nesse tempo de flores  
E de amores, de sonhos e beijos?...  
se tudo para elle é serenamente azul,  
eternamente consolador?

Nada melhor do que o sonho.

Bemditos os poetas! Sonham com a saudade, com a dor, com a lagryma, dizem todos os seus sonhos na unica linguagem que o coração comprehende — o verso, e despertam, avivam em nós as nossas saudades, as nossas dores, as nossas lagrymas, todas tão verdadeiras, tão reaes que procuramos esquecel-as para sempre, mas que uma vez despertadas obrigam-nos a sentir, a chorar, com os versos d'esses eternos sonhadores.

Ah! os poetas são os que menos soffrem. Felizes, estes rouxinões da vida!

Não é só na poesia que se revela o bello talento de Henrique de Magalhães.

O leitor ha de se recordar, com saudades, dos deliciosos jongos dos sexagenarios d'A *Mulher-Homem* e dos *Pretinhos do Behé*, no *Zé Caipora*.

Estas obras primae são do nosso adoravel poeta. Além d'esse, outros numeros da *Mulher-Homem*, os melhores, foram compostos por elle.

E para falarmos com franqueza, não sabemos onde mais se levanta o seu estro, se nos versos que burila ás centenas se nas musicas que compõe entre uma bafurada de cigarro da rôça e um abrir e fechar de olhos. O que podemos affirmar é que o Henrique sabe de cor uma infinidade de trechos de musica.

E sobre este poncto é só pedir por bocca:

—O' Henrique! como é aquelle pedaço dos *Sinos de Cornéville* que o tio Gaspar canta no 1º acto?

E' isto; E põe-se o Henrique a cantar — e não canta mal, note-se — todo o trecho, quando não se lembra de dar-nos toda a partitura.

—O' Henrique! um pedaço da *Niniche!*

E lá vae *Niniche*.

—O' Henrique! um pedaço d'O *Guarany*.

E lá vae *Guarany*.  
O' Henrique! o duetto da *Mascotte*. (Elle adora-o! diz que é um dos melhores trechos de musica de todos os tempos.)

E lá vae todo o duetto da *Mascotte!*

—O' Henrique!...  
Emfim: tudo. Não ha nada de musica que o Henrique, tendo ouvido uma vez, não traga de cor e não seja capaz de repetir, de momento, logo que se lhe peça.

E' um assombro!  
Com os versos dá-se o contrario: Nunca vimos o Henrique recitar versos. E, cousa rara! nem os seus sabe de cor, com excepção apenas d'aquelles que elle põe em musica. E estes mes, nos não os recita: canta-os.

Tem muita graça, uma graça exponanea, imprevista original.

Para prova o *Correto* que, ha muito tempo, nesta folha escreve sob o pseu-

do rymo de *Henrico* s qua é uma das suas mais estimadas e lidas secções. Foi elle, pode-se dizer, o crador d'este genero litterario. *Henrico* é inimitavel.

Agora uma nota, a principal da pessoa do Henrique: Nada o impressiona, nem o commove. Diz seu irmão, o Valentim Magalhães, que o Henrique não tem nervos. Não o cremos:

Elle é chefe de familia!

Diz-nos Valentim em umas notas que para a biographia do irmão nos forneceu: «Só uma cousa enthusiasma e asombra o Henrique: — o Oceano! Só uma cousa o indigna fortemente—a Escravidão. Fora d'isso, á excepção dos affectos de familia, tudo lhe é, mais ou menos, indifferente no Universo. Não que seja egoista: é o *mãos largas* maior que conheço,—mesmo porque ainda não se lembrou de pensar no valor do dinheiro. Mas por temperamento. Não fala mal de ninguém; em compensação, fala bem... de muito pouca gente. Chega sempre tarde a toda parte. Nos ensalos da *Mulher Homem* chegava regularmente... depois de acabado o ensaio.

«E' a indole mais accomodaticia que conheço. Passaria a pão e agua com a mesma serena boa vontade com que passaria a... bicos de rouxinões.

«Completo Pangloss, tudo para elle vae pelo melhor, no melhor dos mundes imagináveis. Por isso, apesar de doente, é de crer viva longos annos. Amen!»

No capitulo exquisitesimos tinhamos tanta cousa a contar que o melhor é contar ao leitor apenas o seguinte facto que é uma viva amostra do temperamento do Henrique.

Na *première* d'*A Mulher Homem*, depois que o Jongo dos Sexagenarios foi cantado, a plateia prorompeo em applausos, bisou o jongo e gritava freneticamente: A' scena o auctor! A' scena o auctor!

O Henrique estava a um canto do camarote, assentado, com o queixo fincado na palma das mãos, a olhar indifferentemente para o palco. E nada de se mover! Por fim, o Filinto d'Almeida veio arrancar-o do camarote; mas não conseguiu levar-o ao palco, onde apenas o seu nome foi saudado com uma prolongadíssima salva de palmas.

Se o Filinto não viesse arrancar-o da distracção em que estava apostariam que o Henrique gritara com a plateia: «A' scena o auctor! A' scena o auctor,» sem se lembrar que o auctor... era elle!

ALFREDO DE SOUSA.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Entrou o periodo das ferias parlamentares. Os augustos e dignissimos lá vão para as suas provincias dar conta ao eleitorado dos beneficios que promoveram em prol do seu paiz. Não poder eu ouvir-lhes a lenga-lenga! Só d'esse modo saberia ao certo o que fizeram suas excellencias...

A Fala do Throno, proferida pela Princeza Imperial Regente, nem ao menos passou como gato por brazas sobre a questão do elemento servil. A Fala guardou a esse respeito uma reserva só comparavel á do deputado Silva Maia, do Maranhão, que adoptou

como divisa o famoso annexim popular: em bocca fechada não entram miquitos. Naturalmente o Governo achou inconveniente a discussão de similbante assumpto, como aconteceu á interpellação Naúuco.

Entretanto, a questão do elemento servil está tomando agora uma face mais seria e mais decisiva. O escravo, que até agora tem se deixado ficar de braços cruzados, como se não fosse a parte mais interessada da questão, começa a pronunciar-se. Os ultimos acontecimentos de S. Paulo são muito significativos. Já houve luta, e luta seria, entre escravos fugidos e soldados da tropa de linha. Se a moda péga, adeus minhas encomendas!

Por mais que me digam, não posso crer que estes effectos constantes da propaganda abolicionista, este abalo geral, este estado normal de coisas, esta continua agitação de interesses, esta perturbação enorme de espiritos, esta depreciação sempre crescente da machina de carne e osso,—não façam maior mal do que um decreto que promulgasse immediatamente a abolição da escravatura.

Quando me lembro que esse decreto não só nos livraria dos escravos, como das patacoadas e da rhetorica dos abolicionistas, sinto realmente que de uma vez por todas não se resolvam a promulgal-o.

Convençam-se os os nossos governadores que, para a ordem publica, para a boa marcha do Estado, mais vale emancipar de uma vez todos os escravos, do que dar-lhes a liberdade em pilulas.

Quando o corpo humano tem um dos membros gangrenados, o cirurgião corta-o por inteiro, em vez de torturar o paciente, amputando-lhe agora este pedacinho e logo mais aquelle. O Brazil, que tem esse membro putrefacto, a escravidão, devia ser radicalmente operado. Quaesquer leis e regulamentos, por mais sabios que sejam, desde que não decretam a abolição immediata, nada mais fazem do que infringir-lhe o tormento dos paliativos. Esta é a verdade.

Das regiões neptuninas, que ultimamente nos delegaram uma phoca e uma especie de tartaruga, acaba de chegar uma baleia, acompanhada por seu filho. Acabam-se ambos na praia da Copacabana, onde podem ser vistos pelos curiosos que não desanimarem diante da distancia que têm de palmilhar. Quanto a mim, confesso que esses cetaceos inspiram-me um interesse mediocre. Nem os deveres de chronista dariam commigo na Copacabana, uma vez que a influencia occulta, de que falou ha tempos o Sr. Octaviano Rosa, não consentio que bouvesse bonds para lá.

Dizem-me que ha muitos annos o «Jornal do Commercio» (*Vieux farceur!*) annunciou aos seus leitores que n'aquelle mesma praia achava-se uma baleia de dimensões collossaes, extraordinarias,—uma montanha! Parece que n'aquelle tempo havia mais tolos que hoje, porque, não obstante a noticia apparecer em 1º de Abril, houve uma grande romaria áquella praia: toda a gente queria ver a baleia!

Quem lucrou com a pulia foi o proprietario da unica venda que existia no bairro: os empulhados limparam-lhe o estabelecimento e encheram-lhe as gavetas. Não diz a chronica se o vendilhão agradecido offereceu uma penna de ouro ao jornalista que inventou a baleia, ou a baleia. Seria um acto de toda a justiça.

De toda justiça é dizer bem da exposição de pintura, feita pelo paizagista Ribeiro no estabelecimento photographico dos Srs. Carneiro & Tavares.

O joven pintor expõe trinta e cinco estudos, destacando-se entre elles algumas vistas da ilha do Governador, celebre pela sua belleza, pela sua insalubridade, e por mandar, com uma regularidade de pendula, o Sr. Ferreira Nobre á Illustrissima Camara Municipal.

ELOY, O HEROE.

## GAZETA RIMADA

IV

Hoje eu faço *synalepha*:

Dou *gazeta* na *Gazeta*.  
E' que tenho outra tarefa  
Melhor, por ser boa teta!

Vou, pois, entregar-me a ella  
De corpo e alma. Não posso  
Perder tempo. O' minha estrella,  
Faz-me de *lux* um colosso!

Naturalmente o leitor,  
Que a cousa não percebeu,  
Diz, com gesto indagador:  
— Que tarefa, Melibeu?...

Ah! pio leitor, escuta:  
Os tempos andam bicudos;  
A sorte é uma vella astuta,  
E o viver tem seus *estudos*!

Na *onça* ha muito que eu ando;  
(Não na que andou pelas ruas!)  
Mas nesta que vae magoando  
A gente com as garras suas!

Na *onça*: (O' Deus, escutae!)  
Não ter no bolso *vintem*  
Responder ao— Como vae?  
—Vou muito bem, muito bem!

Qual muito bem! Que amarguras  
Tenho soffrido e passado!  
Mas agora: Adeus, tristuras:  
Vou arrendar o Mercado.

Vou fazer uma proposta  
Muito bem feita, com geito;  
Das boas postas a posta  
Dar á Illustrissima. Feito!

Escutem, pois: — Attencção!  
Eis a proposta: Darei  
Dez contos p'ra abolição,  
Duzentos... P'raque?... Já sei...

Um bom palacete ao Jury  
Darei, bello e portentoso;  
Outro á Camara, quo durs;  
Porei o *Mangu* cheiroso;

Construirei *chalets* de graça;  
Darei á Camara cs predios,  
E tambem (não é chalaça!)  
P'ra certos *males* remedios.

No Largo do Paço erguer  
Largo paço, hei de; depois  
O off'recerei, que é dever,  
Ao nosso bom Pedro Dois.

Não fica buraco aberto:  
Tapo-os logo, incontinente,  
Da Camara dentro, é certo,  
Darei pão a muita gente.

Farei o diabo a quatro:  
Darei esmolos em ouro;  
Construirei logo um theatro  
Onde existe hoje o Thesouro.

Nelle porei um cartaz:  
« Miseraveis, isto eu fiz  
Para vocês, sou de paz,  
A *troupe* vem de Pariz. »

Emfim, porei tudo bello;  
Toda a cidade lindíssima;  
Arrasarei o Castello  
(O morro) para a Illustrissima.

Isto é proposta de louco!  
Dirá, meu leitor amado:  
E' mesmo: eu quero tão pouco...  
Quero arrendar o Mercado.

E' asneira; não faz mal:  
Quem é que asneiras não fez?  
Morro, acabo no hospital,  
E éra o Mercado uma vez...

MELIBEU.

## PEDRO GOBÁ

(CARTA A EZEQUIEL FREIRE)

MEU CARO EZEQUIEL.

Acabo de ler o teu conto de hoje na *Gazeta de Noticias* e vibro ainda, de comovido e admirado que me deixou a leitura d'esta pagina magistral e tragica.

Conheço tambem bastante — infelizmente!—as scenas que descreven a tua penna firme, castiga e rica de tintas como um pincel de Delacroix; conheço-as tanto que, tambem eu, ha quatro annos, naquella mesma folba, descrevi parte d'ellas em um conto, *Praça de escravos*, que tev's a honra de ser traduzido em hespanhol na *Cronica*, de Montevideu, e que se encontra no meu ultimo livro. Como tu, procurei trazer o meu depoimento pessoal no longo e

tenebroso processo da escravidão, processo interminável, que se vai arrastando em nossa patria, «nesta patria aviltada», tão longe ainda de ser julgado pela Justiça... do céu; que a da terra é aurda, alem de céga, para as causas dos pequenos e dos desgraçados.

Pouco importa que esta não nos ouça os depoimentos, tremulos de horror, como não ouviu os do Castro Alves, o cantor dos *Escravos*, como não ouve os de Patrocínio e Nabuco, como não tem ouvido nenhuma das testemunhas que têm deposto contra os auctores, na sua faina de defender o «sagrado direito de propriedade», como se a liberdade também não fosse um direito sagrado, e mais respeitavel, e como so, por ventura, pudesse haver direito contra direito!

Teu conto é um documento historico de alta valia. Que o nosso commum amigo e querido mestre a quem o offereceste o archive cuidadosamente nos seus canchinhos de critico sociologico em viagem de observação. Todos os episodios, todas as scenas, todas as notações de factos do teu *Pedro Gobá* são strictamente verdadeiras e exactas.

A vida das fazendas, que ali descreveste, com tanto vigor de traço e de cor, é justamente aquella.

Tudo aquillo é vivido: paizagem, physionomias, costumes, incidentes, episodios, linguagem—tudo!

Pagina de mestre, meu bom Ezequiel — e das mais bellas e das mais valentes que tenho tido o gosto e a ventura de ler.

Um facto particularmente ferio-me a attenção e se me gravou na memoria, acordando nella a lembrança adorada de factos identicos e de outras circumstancias que te escapou notar. Refiro-me aos *casamentos*, feitos nas fazendas pelos *senhores*, para augmento dos seus haveres com o robustecimento da *gente* (Curiosa antinomia: consideram os negros — *casas* e chamam-lhes — *a gente*!) Observaste esse repugnante detalhe da vida da fazenda com perspicuo olhar e o copiaste com pulso heroico.

Nada mais baixo nem mais triste do que ver esses desgraçados, tão pouco posuidores das suas proprias pessoas, da sua vontade e dos seus corpos, dos seus desejos e das suas affeições, que até mesmo nas suas relações sexuaes são governados, são *mandados* pelos *senhores*!

Eu, no emtanto, conheço esse crime com aggravantes novas, imprevistas, que talvez tu mesmo desconheças!

Já assisti, e muitas vezes, a essa distribuição das negras pelos catres dos negros, a esse amancebamento brutal, contra a natureza—porque os proprios brutos têm a liberdade de escolher a fêmea,—feito, não pelo fazendeiro, como no teu conto, mas pela esposa, pela mãe!

Vi uma, comquanto ainda mulher moça e forte, mãe de raparigas casadouras, moças feitas, fazer essa matrimoniação horrivel á vista das filhas, *descasando* os pares que julgava inconvenientes, para crear novos pares, sem consulta dos *nubentes*, e muitas vezes com chorosa protestos d'esses infelizes que viam suas antigas companheiras passar ao poder de outro *pareiro* e tinham de aceitar em sua companhia mulheres ás quaes os não preudia nenhum laço de sentimento, a quem os não inclinava nenhum desejo da carne!

Que educação, meu Ezequiel, a que taes exemplos deve fazer na familia! E, no emtanto, os auctores de taes

crimes de lesa-Moral e de lesa-Humanidade, longe estão, praticando-os, de desconfiar do mal que com elles levam á familia e á Patria! e, depois, quando, como agora, se vê um *senhor* (e homem letrado, um *doutor*) mandar matar quatro negros, e se assiste a essa persiguição barbaesca de *escravos fugidos*, horrivel caçada a ferro e a fogo, que actualmente emociona a tua provincia adoptiva e a todo o paiz, ainda ha quem affirme — e nas altas regiões do Parlamento e do Ministerio! — que a *escravidão está acabada no Brazil!*

Acabada sim, mas para os miserandos que morrem no *tronco*, na *escada*, no eito, no fundo lobrego das senzalas ou na estrada, em fuga, anavalhados do relho ou varados das balas.

Pedro Gobá, que *scrava* placidamente, a face, ainda rubra e quente, no seu proprio coração, fitando com um ar de asco a familia attonita dos brancos é o symbolo do julgamento tremendo da Historia, no futuro.

Ella, a grande justicadora e a justiceira integerrima, compulsando os factos d'esta quadra, tempestuosa de sangue e soluços, ha de ter para nós, os brazileiros d'este pedaço ultimo do seculo, o mesmo terrivel e esmagador olhar de asco com que Pedro Gobá fitou, morrendo, matando-se, a familia dos brancos, de que era propriedade.

Rio, 21—10—87.

VALENTIM MAGALHÃES.

## JORNAL E REVISTAS

Muito interessante o n. 15 d' *A Vida Semanaria*. (Não recebemos o 14.) Bento Barbosa vai se libertando da influencia de Bordallo, fazendo caricaturas engraçadas e com certo cunho de originalidade. O texto adoravel. Puderá: sé é escripto por Olavo Bilac!

Deve ser distribuido hoje o primeiro numero d' *A Epoca*. E' seu redactor chefe o illustrado Sr. Dr. Zeferino Candido. Arthur Azevedo, nosso estimavel e distinctissimo collega, faz parte da redacção. E' caso para dar-se parabens á *Epoca* e augurar-lhe desde já futuro brilhante e mil prosperidades.

Eis como o nosso estimavel collega o *Diario Mercantil* de S. Paulo, recebeu o ultimo numero d' *A Semana*. «Recebemos o n. 116 d' este excellente periodico de Valentim Magalhães.

Na ausencia de Filindal, o hilarriante Cantú da *Semana*, passou a historiar os sete dias fluminenses *Eloy, o heróe*, a chronica personificada.

Encontram-se neste numero as *Virgilianas* (4ª ecloga), do illustrado Dr. Lucindo Filho, versos de Rodrigo Octavio e Dias da Rocha, *Palestras femininas* de Adelfina Vieira e, nas *Paginas esquecidas*, um magnifico conto de Lucio de Mendonça.

A *Semana* tem incorrido ultimamente em algumas irregularidades na sua distribuição, o que ella explica por uma serie de imprevistas e lamentaveis circumstancias, que, uo que parece, estão já remediadas.

Felicitemos-a por isso, e temos certeza de que os seus numerosos leitores perdoarão as *synalephas* commettidas, na esperanza de a terem, d'aqui, por diante, todos os aabbados, impreterivelmente, ainda que chova, como lá se diz nos cartazos de theatro. E é o que se quer.»

Temos o n. 315 d' *O Occidente*. Traz excellentes trabalhos litterarios e magnificas illustrações. Gervasio Lobato firma uma elegante *Chronica Occidental*.

O *Mequetrefe* n. 443. Traz o retrato de um individuo muito feio e um texto de interessante leitura.

*União Medica*. Fasc. 10. anno VII. Dá-nos bons escriptos sobre clinicas pyretologica, pediatrica, therapeutica, genito-urinaria e neuropathica.

Do Rio Grande do Sul chegam-nos os ns. 22, 23 e 24 do *Corymbo*, interessante publicação que ali apparece, de propriedade e redacção da distincta escriptora D. Revocata H. de Mello.

No seu n. 171 traz a *Revista de Engenharia* importantes trabalhos sobre saneamento, estradas de ferro, industria e meteorologia.

## ELLA E O SOL

A RODRIGO OCTAVIO

I

Já era dia claro: a moça ainda dormia Entre as nuvens do leito o somno d' a manhã; Um requiebro gentil, um palpitante affan De sonho venturoso o selo extremeci.

O cabello revolto em aspides descia, E borlava do rosto a hesperica miçã. Convulsa e alegremente a boca rubra e san Uma reza, um segredo, um não sei que dizia...

Pelo vão da janella, igual á chuva de ouro, Em piscas se espargindo, n' sol entrando vae, Subtil como o ladrão que acerta co' um thesouro.

N'um beijo, sobre a boca em flor, do ceo lhe cabe, E ella sorri febril da luz no ferredouro, Fechando os olhos como a tremula Danae.

II

Amanhecera o sol radioso e leito, A natureza toda estava em festa, E ella dormia: apenas uma aresta Da janella surprehendo-lhe o segredo.

O astro dn dia que passava, a meio A ardente petulancia manifesta; E abrindo sorratamente a fresta, Corta os caixilhos, a apontando a dedo.

Salta do peitoril ao chão, adiante Caminha, chega á cama, e com recio Ajoelha-se e recosta-se espreitante.

Vae pra' rouba-lhe: põe-lhe um braço a meio; Mas, primeiro que beije-lhe o semblante, Branco de susto fica a olhar pra' o sein!

III

O sol bono vê que a linda moça vexa E tem recelo de fazer escandalo; Da janella esgueirado pelo brecha, Sedento espia co'o furor de um vandafo.

Reduz o fogo, e para ver se abrandalo, N'uma furtiva estrella o disco fecha, E a Diana de marfil, que cheira a saulal-o, Toca de leve co'a embotada flecha.

Ella acorda a tremer: põe mão nos folbos, Olha o sol, e, a chorar com brusco modo, O lençol, que lhe escapa, agarra aos molhos;

Mas elle, n' dissoluto visigodo, Ardendo de prazer, venda-lhe os olhos, E como um cão lha lambe o corpo todo.

J. MORAES SILVA.

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Edictada pela Livraria Classica de Alves & C., publicou o nosso illustrado collaborador, das *Notas philologicas*, João Ribeiro uma importante obra filiada á especialidade de estudos a que, com tanto proveito e lustre, se tem dedicado: Tem por titulo *Líções de Grammatica Portuguesa*, coordenadas segundo o programma de 1837, e destina-se á preparação dos examinandos d'essa difficil materia. E' um elegante volume de 300 paginas, nitidamente impresso, solidamente cartonado.

O auctor dividiu o plano do seu trabalho em duas partes, sendo a primeira uma synopse reduzida das grammaticas vulgares, encerrando a segunda o texto critico, declarações e desenvolvimentos de maior difficuldade de interpretação.

A intenção do auctor — segundo elle declara na *Advertencia*, — «foi a de escrever um livrinho util e claro, que desaffrontasse a glottologia elementar do imminente descredito que, a olhos profanos, parece entre nós ameaçar.»

E o auctor conseguiu o seu intento. Este trabalho tem com justiça merecido os gabos dos mais auctorizados mestres da lingua. E' feito com extrema clareza, singular bom senso, rigoreza e logica methodisação e, sobretudo, com uma grande independencia.

João Ribeiro não copiou, uem tão somente compillou. Do muito cabedal entheourado pelo seu assi tuo estandar aproveitou o que ao seu esclarecido criterio se afigurou razoavel. Aliado aos progressos da moderna glottologia. E' incontestavelmente uma grammatica scientifica, mas exposta com rara simplicidade e clareza. Fallece-nos competencia para um exame detido e detalhado. Louvamo-nos, no emtanto, no favoravel parecer dos entendidos, recomendando o livro de João Ribeiro não só nos candidatos ao exame de

portuguez, como a todos os que se dedicam a este ramo, tão espinhoso quanto bello, de estudos.

E parabens ao nosso illustre collaborador.

Quasi ao mesmo tempo, recebemos de Portugal dois livrinhos de poesia tendo por assumpto o grande, o immortal cantor dos *Luziadas*.

Intitula-se um — *Luiz de Camões*; é um posmeto em sonetos, e tem por auctor Joaquim de Araujo.

*Alma minha gentil*... é o titulo do outro. Consta de quatorze sonetos, glossando cada soneto cada um dos quatorze versos do immortal e delicioso soneto *Alma minha gentil que te partiste*... E' seu auctor Alfredo Campos, nome já bastante conhecido, também, por outros trabalhos de valia. Aquelle traz uma carta de Eça de Queiroz; este uma de Camillo Castello Branco.

Digamos alguma cousa de cada um d'estes mimosos livros.

Joaquim de Araujo é poeta que já tem nome feito. A sua *Lyra Intima* recommendou-o definitivamente e brillantemente á admiração do publico e ao conceito dos confrades.

Seus versos são em geral inspirados, correctos e melódicos. Longe estamos, portanto, tractando de uma obra de Joaquim de Araujo, de tractar da obra de um estreante ou de escriptor de ultima hora.

Dos sonetos do seu posmeto sobre Luiz de Camões já conheciamos alguns por havermos tido a honra de publicá-los em tempo. A impressão que nos deixou a leitura de todos, que são 17, reunidos, concatenando alguns dos principaes episodios do grande e inditoso poeta — foi de uma suavidade ineffavel de sentimento e de melodia; deu-nos a idéia de um collar de amethystas, de um brilho límpido e melancólico pela sua doce cor de violeta.

E' pena que se encontrem alguns peccados de forma, embora veniassem. Encontrámos, por exemplo, este mau verso:

Ouvia-se no templo um psalmejar lento.

Não gostámos das «noites leaes da primavera», nem dos montes *sonhadores*. Leves e fugidias sombras são esses pequeninos defeitos para prejudicar a bella refulgencia da obrinha. Agradou-nos muito o soneto de abertura, e tanto, que aqui o transcrevemos gostosamente:

#### RENASCENÇA

Resurgem os hellenicos primores;  
Circula um sangue ardente, que espadana;  
Luthero queima altivo a Lei romana:  
Cortam o espaço os gritos e os condores.

Chora, junto da flor de seus amores,  
Miguel Angelo, essa alma sobrehumana;  
Cresce o delirio da paixão insana:  
Chora a Virgem na tela dos pintores.

A terra aneia de enthusiasmo e lucto,  
Loyola surge. O eterno Bevenuto  
Vibra o stylete, rapido, certo;

Colombo e Gama encontram mundos novos,  
E echão, entre a alvorada de cem povos,  
O genio Lusitano aventureiro...

Geralmente somos pouco amigos de glosas. Achamos que não é essa velha manin poetica merecedora de resurreição. Que viva, apenas, para memoria, na paginas de Bocage, Caldas, Xavier de Novaes e dos poetas do Outeiro.

Mas o Sr. Alfredo Campos conseguiu glossar alguns dos versos do famoso soneto camoneano com tão fino engenho que se lhe devem perdoar as torturas que ao seu proprio estro voluntariamente impoz, regalando-se com as difficuldades que esse trabalho lhe trouxe. Os versos mais ingratos á glossa são, segundo nos parece, os seguintes:

*Se lá no ethereo assento onde subiste  
E se vires que pode merecer-te*

e

*Que tão cedo de cá me leve a ver-te.*

O Sr. Alfredo Campos sabio-se galbardadamente da empreza de encavalos no fim dos sonetos, como um diamante na ponta de uma haste de ouro de lei: principalmente quanto ao primeiro d'aquelles tres. E tanto elle nos agradou, pela belleza do soneto como pela facilidade da glossa, que aqui o transcrevemos:

Ame-a como a hera ama as ruinas:  
Ame-a como ao vaso a Phantasia!  
Ame-a como o cégo ama o seu guia!  
Ame-a como o sol ama as honinas!

Por ella dedilhei canções divinas!  
Por ella enchi meu peito d'harmonia!  
Por ella obedeci á tyrannia!  
Por ella até cri todas as doutrinas!

Ah! quanto amor meu coração encerra!  
Quantas horas de embate, alegre e triste,  
No contraste da paz a par da guerra!

E neste bem querer-te em que me viste,  
Não sei se amor, assim, nasce na terra,  
Se lá no ethereo assento onde subiste.

O Sr. J. A. Roque, amavel correspondente, nesta Corte, dos editores Campos & C. de Lisboa, começou na semana passada a distribuição do primeiro fasciculo d'O retrato de *Ricardina*, primeira das Obras de Camillo Castello Branco que elles vão publicar em edição uniforme e completa.

Para acompanhar este romance, o primeiro publicado pelo auctor, será distribuido aos assignantes um retrato do auctor aos 33 annos e mais uma gravura.

O primeiro fasciculo comprehende até paginas 72 — bom papel, type elzevir, muito elegante, e edição útilida.

Cada fasciculo — 500 reis.

Distribuição quinzenal.

E' ocioso fazer *réclame* a esta enorme e notavel publicação, que fará honra aos seus editores e dará novo lustre ás letras de Portugal.

A livraria Azevedo acaba de edictar o « Promptuario do Escriptor Portuguez » por Pacheco Junior, o eminente philologo.

Vamos lê-lo e diremos os nossas impressões.

V.

## « O HOMEM »

Do novo romance de Aluizio Azevedo, que tão ruidoso e seguro successo tem feito, (os empregados da livraria Garnier dizem que não tem idéia de haverem vendido, em tão poucos dias avultado numero de exemplares de uma obra nacional), d'O Homem damos em seguida parte de um dos capitulos mais ricos de observação e primorosos de forma e, também, menos violentos aos paladares litterarios contrarios ao Naturalismo.

### VIII

Com a morte da velha Camilla despedira-se da casa a mulher que estava ao serviço de Magdá e fora substituída uma rapariga ali mesmo da vizinhança.

— Justina, uma sua criada, para a servir.

Portuguezia das ilhas, forte, rechonchuda e muito amiga de conversar. Teria trinta annos, era viuva, com tres filhos: o mais velho já encaminhado n'uma officina de encadernador; o immediato morando com a madrinha em Belém, e o mais novo, que ainda mal se aguentava nas pernas, acompanhava-a para onde ella ia.

— Não! que isto de crianças, quando estão pequenas, as mães devem aturalas! como não?

Diziam que fora sempre mulher de bons costumes, e com effeito parecia, ae menos pela cara. Muito risonha, corada, dentes claros, e olhos castanhos, um pouco recabidos para o lado de fóra, com uma natural expressão de lastima, que aliás não perturbava em nada a alegre vivacidade da sua physionomia. Tinha papadae, e fazia roscas no cangote; uma pennugem de fructa na polpa do queixo e dous pincois de aguarella nos cantos da bocca. Quando andava, tremiam-lhe os quadris como immensos limões de cheiro feitos de borracha.

Logo ás primeiras palavras que ella trocou com Magdá mostrou-lhe sympathia. E' que era justamente uma dessas creaturas vindas ao mundo para cuidar de doentes; naturezas que só amam de véras aquellas a quem devem muitas canceiras; que só amam depois de grande sacrificios, depois de muita noite perdida e muito somno interrompido. Nascera enfermeira, nascera para fracos; gostava de encarregar-se de crianças e, quanto mais achacadinhas fossem estas, tanto melhor. Os rachiticos, os aleijados, eram a gente da sua predilecção. Com o leite do seu ultimo pequeno criara um fedelho, que estava morrendo-morre quando lhe foi parar ás mãos; pois ella, depois de lhe salvar a vida, a custo de longos mezes de desvello sem descanso, tomou-lhe tal carinho que o queria mais do que ao proprio filho, — um maroto este, forte e esadio como um bezerro. « Um coisinha ruim; affirmava rindo — Não ha mal que lhe entre. Nunca vi! — nsm chora, o brutinho, Deus me perdõe! »

Magdá quiz saber onde é que ella estivera até então emprgada: qual a casa donde vinha.

— Em parte alguma, não senhora. Morava com a tia Zefa ali mesmo defronte, naquella casinha de duas janelas com entrada pela estalagem.

— Que gents vem a ser essa?

— A tia Zefa é filha da velha Custodia: lavadeiras, como não? Vém já de traz estas amizads! Nós, por bem dizer, fomos criadas pela tia Zefa; foi

de lá que eu sahi para casar, e minha mana, a Rosinha, voamscé não conhece, essa ainda mora com ella.

— Ah! Tem uma irmã...

— Então! Muito mais nova do que su. Solteira, mas já tem o asu noivo. Não é por ser minha irmã, porém é uma rapariga que se páde ver! O Luiz...

— Bem, bsm... Você então traz um filho em sua companhia?

— Ora, coitado! Não ha de incomodar... E, se se fizer tolo, carrsgo logo lá p'ra defronte, que a velha é perdida por elle. Se o é! Dá-lhe um tudo. Não vio vosmcsé aquelle chapeuzinho de pluma com que elle veio bontem? Pois quem foi que o deu? Foi ella!

E rio-se toda.

— Bem, bem, trats de ir buscar o que é seu e tome conta desse quarto abi ao pé, porque, não sei se sabe, você me tem de fazer companhia á noite. Ando muito doente e ás vezes é preciso que me dêem o remedio, comprêbende?

— Como não, min'bama? Póde vosmecé ficar descansada por esse lado, que estaes aqui está não l'hs dará razões do queixa!

E já parecia radiante com aquella expectativa de ter uma enferma á sua guarda. Uma enferma nas condições da filha do conselheiro era o asu idéal. E, por cima de tudo, bom ordenado, comida com fartura, seu copo de vinho ao jantar e dali até, quem sabe, talvez seu vestidinho de vez sm quando...

— Não ha duvida, concluiu, foi um achado!

Um achado! Ella é que foi um bom

achado para Magdá. Esta nunca houvera tido criada tão alegre, tão amorosa e tão diligents no serviço.

Além de que: muito sã, muito limpa e muito séria. Perto daquella figura socada, de carne esperta e luzente, a pobre senhora ainda parecia mais magra e mais pallida; gostava porém de a sentir ao seu lado, aquecer-se naquelle calor de saude, parazytar um pouco daquelle humus resumbante de seiva, sorver aquella forte exhalacão sanguinea d. femea refeita e bem ndubada.

Nunca entravam em confidenciaes e palestras, que a orgulhosa filha do conselheiro não dava para essas coiaas; mas a mesquinha enferma gostava de deitar-se sobre um tapete, no chão, defronte da janella do quarto, e ahi ficar, seiscmando nos seus tdiros, com a cabeça pousada no morno s carnudo regaço da criada. A'a vezes adormecia assim, e então se abraçava com ella e enterrava o rosto entre as almofadas dos seus peitos, respirando, com um regalo inconsciente de criança que já não mama, mas ainda gosta de sentir ao pegar no somno a calentura do collo materno.

Em breve, a Justina sra tão indispensavel para Magdá quanto uma ama a um orphãosinho rscem-naacido. A infeliz moça passava agora muito melhor; conseguia ficar com alguma coiaa no estomago e tinha certa regularidade no somno. Um dia, sm que a rapariga lhe pediu licença para ir a Belém ver o filhinho que estava á morte, ella quasi que tem um ataque, tal foi a sua contrariedade.

— E' por pouco tempo... asclareceu aquella — Eu volto logo. Trea dias ou quatro, quando muito; ds mais, dai-xo um'outra no meu logar...

Foi, sempre foi; mas á senhora tanto custou a sua ausencia, que jurou nunca



mais consentir, que de novo se separassem. Ficou nervosa e impertinente que causava pena. Veio-lhe outra vez a mania das rezas, voltaram-lhe os monólogos a meia voz e os sobresaltos sem causa aparente.

— Maldito pequeno! Lembrar-se de cair doente, e logo agora!

A Justina demorou-se mais do que contava. Uma semana depois da sua partida, Magdá, que não havia comparecido ao almoço, fez voltar o lunch das duas da tarde, que o pae lhe mandara levar ao quarto.

— Não me aborreça! gritou ella á subatituta da Justina, uma sujeita alta, casada, de nariz comprido e mal encadrado. Chairava a merrinha de cachorro. Magdá não a podia ver.

— Saia d'aqui! Não ouvio?

A mulher observou com a sua voz grossa e compassada.

— O senhor disse para a senhora não deixar de tomar, ao menos o caldo, que foi temperado por elle.

— Papae que me deixe em paz. Ponha-se lá fóra! Ponha-se lá fóra!

A criada sahio, teza que nem um granadeiro, a resmungar com a bandeja nas mãos; e Magdá fechou a porta sobre ella, com estrondoso impeto, atirando-se depois no divan e sacudindo a cabeça como se estivesse sufocada.

— Que gente, meu Deus! Que gente!

E levou uma hora a fitar um só ponto, com os olhos apertados e as sobrancelhas franzidas e mais retorcidas que um recamo japonês. Ergueu-se afinal, inteiriçada num espregulhamento suspirado e longo, deu em seguida alguns passos indolentes pela alcova, tomou um resto de leite frio, que havia numa chicara sobre a mesa, e encaminhou-se sonambulamente para a janella. Ahi encostou o rosto entre duas varões da grade e segurou-se com as mãos nos outros que ficavam mais proximos.

— Ah!... respirou, igual ao cégo que obtem, depois de grandes esforços, chegar ao ponto em que deseja. E olhou além para os fundos do cégo, que se estendiam lá por detraz do horizonte. E seu olhar errou pelo espaço, perdido como andorinha doida a que roubassem o ninho, percorrendo, inquieto e tonto, de um só vôo, leguas e leguas de azul, até ir afinal cair prostrado, de azas bambas, no cimo da pedreira que lhe enfrentava com a janella.

Prendeu-lhe toda a attenção o que se passava ali: Os trabalhadores suspendiam por instantes o serviço, alvoroçados com a chegada de uma raparigona que lhes levava o jantar— Que alegria! A cachopa era sem duvida mulher de um delles, o mais alto e mais barbado, porque ella, mal soltou no chão o cesto da comida, lhe arrumou com uma caricia de gado grosso um murro nos rins, e retrabio-se logo, a rir toda arrepiada, esperando que o macho correspondesse. Este cascalhou uma risada de gôzo alvar e ferrou-lhe na anca a sua mão bruta, de cavoeiro tão encrestada e escamosa, que se não podia abrir de todo. Depois: acercaram-se de um pedaço de pedra, em que a mulher foi dependo o que trouxera na cesta; e de cocaras, ao lado uns dos outros, puzeram-se todos a comer sofregamente, no meio de muito rir e palavrear de hocca cheia.

Magdá, sem conseguir escutar o que ellas tanto conversavam, não lhes tirava os olhos de cima, profundamente entretida a ver aquillo. E, cousa extra-

nha, em tal momento daria de bom grado os melheres diamantes que possuia para ter ali um pouco do que elles comiam lá no alto da predeira com tamanha vontade. Ella, que já não podia soffrer os imaginosos acepipes da mesa de seu pae, sentia vir-lhe agua á bocca pela comida dos trabalhadores, e até, parece incrível, tinha desejos de heber da mesma garrafa em que elles bebiam, pelo gargalo, fazendo questão para que nenhum lograsse ao outro.

No dia seguinte, justamente áquellas horas, apresentou-se ao já pae, vestida e prompta para sahir.

— Bravo, exclamou o conselheiro, surpreendido pela novidade.— Bravo! muito bem!

E marcou apressado a pagina do livro que estava lendo e, como se temesse que a filha mudasse de resolução, correu logo a buscar o chapéo e a bengala. « Ora até que emfim aquella preguiçosa se resolvia a passeiar! »

Quando se acharem na rua, Magdá foi tomando a direcção da pedreira; o pae acompanhou-a sem preferir palavra. Só pararam lá perto.

O morro, com as suas entranhas já muito á mostra, arrojava-se para o céo, como um gigante de pedra violentado pela dôr; via-se-lhe o amago cinzento reverberar á luz do sol, que parecia estar doendo. E enormes avalanches de granito, ruidas e arremedadas pela explosão da polvora, acavallavam-se de cima á base da rocha, lembrando estranha cachoeira que se houvera petrificado de subito. Cá em baixo, d'aqui e d'alli, se ouviam retinir ainda o picão e o macete, e lá no alto, no escalvado cume do penhasco, quatro homens, agarrados com todos os dedos a um immenso furão de ferro, abriam penosamente uma nova mina no granito, gemendo em tom monotonico e arrastado uma toada lugubre.

De cada vez que elles suspendiam a formidavel harra de ferro para a deixar cair novamente dentro do furo, recomeçava o côro lamentoso que, de tão triste, parecia nma supplica religiosa.

— Vamos lá?... propoz Magdá ao pae, depois de admirar de perto aquelle monstro que ella contemplava todos os dias da janella gradeada do seu quarto.

— Onde, minha filha?... perguntou o conselheiro, sem animo de acreditar no que ouvia.

— Lá em cima, onde aquelles homens estão hrocando a pedra. Quero ver aquillo.

— Estás sonhando, ou me supões tão louco que consentisse em tal temeridade? Esta pedreira é muito alta!

— Não faz mal...

— Sentirias vertigens antes de chegar ao fim.

— Mas eu quero ir!

— Deixa-te disso.

— Ora que me hão de contrariar em tudo!

— E' que é uma imprudencia sem nome o que desejás fazer, minha filha! Já amuada, ella se soltou do braço do pae e correu para os lados por onde se aubia á montanha.

— Espera ahi! gritou o velho, tentando alcançá-la, espera ahi, caprichosa! Eu te acompanho!

A caprichosa havia galgado o primeiro lance de pedra.

A subida foi penosa.

Ahi o caminho era muito estreito, irregular e coberto de calhãos. O pé ás

vezes não encontrava resistencia, porque o cascalho rodava debaixo delle.

Mas subiam. Magdá, sem querer dar parte de fraca, segurava-se arquejante ao braço do pae; este mesmo, porém, sabe Deus com que heroísmo conseguia não perder o equilibrio.

— Vamos adiante! Vamos adiante! dizia ella, quasi sem folego.

— Descansemos um pouco, minha filha.

Não, ella não descansaria, emquanto não alcançasse o morro. Felizmente o caminho em cima era quasi plano e com pequeno esforço chegava-se dahi ao lugar onde trabalhavam os quatro homens. Mais um arranco, e lá estariam.

Afinal conseguiram chegar. Mas, ab! quando a pobre Magdá, toda tremula e exhausta de forças, já no tope da pedreira, defrontou com o pavoroso abysmo que se precipitava debaixo de seus pés, soltou um grito rapido, fechou os olhos, e teria cahido para traz, se o conselheiro não a acode tão a tempo.

— Magdá, minha filha! Então! então! Ella não respondeu.

— Está ahi! está ahi o que eu receiava! Lembrar-se de subir a estas alturas... E agora a volta...?

— Pôde voxencia ficar tranquillo por esselado, arriscou um dos cavoeiros, que se havia aproximado, a coçar a cabeça—Se voxencia quizer, eu cá estou para pôr esta senhora lá em baixo sem que lhe aconteça a uma menor lastimo.

— Ainda; hem, respondeu S. Ex. com um suspiro de desabafo.

O trabalhador que se offereceu para conduzir Magdá era um moço de vinte e tantos annes, vigoroso e bello de força. Estava nã da cintura para cima e a riqueza dos seus musculos, bronzeados pelo sol, patenteava-se livremente com uma independencia de estatua. Os cabelos, empastados de suor e pó de pedra, cahiam-lhe em desordem sobre a testa e sobre o pescoço, dando-lhe á cabeça uma satyrica feição de sensualidade ingenua.

— Vamos. Vamos; apressou o conselheiro, entregando-lhe a filha.

O rapaz passou um dos braços na cintura de Magdá e com o outro a suspendeu de mansinho, pelas curvas dos joelhos, chamando-a toda contra o seu largo peito nã. Ella soltou um longo suspiro e, na inconsciencia da syncope, deixou pender mollemente a cabeça sobre o hombro do cavoeiro. E, seguidos de perto pelo velho, lá se foram os dous, abraçados, descendo, pé ante pé, a ingreme irregularidade do caminho.

ALUIZIO AZEVEDO.

## COPRE DAS GRAÇAS

Dois collegias passam num hond pela casa do Dr. Capelli Camarano, na rua visconde de Itaúna.

— Traduze aquelle nome; diz um ao outro, mostrando a placa do citado doutor.

— Não sei; deve ser latim.

— Qual latim: é italiano e quer dizer *Chapéu do Camarão*.

No *post-scriptum* de uma carta de

namoro dizia um pacovio á sua bella, querendo desculpar-se da fealdade da letra:

« *Desculpe a lithographia* »  
Calligraphia — é que o bruto qneria dizer.

Perguntaram a Voltaire que tal tinha achado certa oração funebre.

— Como a espada de Carlos Magn; respondeu o castellão de Ferney, e, como não entendessem logo a allusão, acrescentou: — *longa e chata*.

Observação de um critico após a leitura do ultimo romance de Aluizio Azevedo:

— Ora ainda bem que a litteratura brasileira já cheira a *Homem!*

BIBIANO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

DAURA

(LENDA)

Nos dias das festas e das alegrias é que a tristeza desce mais pesada ao coração dos que soffrem. E depois, passado um certo tempo da vida, que hora ha então que, soande, não traga uma recordação, que sol que se levante no horizonte que não lumbrase um outro sol, que então allumiasse eras mais felizes ou dias mais tristonhos?

A vida é nma teia de recordações—tel-as vivido e revivel-as eis a suprema das venturas, ora e ora o maior dos infortunios.

Para os que pensam, para os que sentem, para os que aoffrem, o presente é instante e passageiro, o futuro nada e o passado tudo. Como que o homem, descrente de esperanças no porvir ou delle temeroso, detem-se em meio do caminho e pára as vistas nas phases já deixadas como a mulher de Loth.

Ha no entanto no presente manhãs soberbas e crepusculos rutilantes!... Mas que força jámais, creou-se que pudesse tirar o homem da contemplação de sua infancia e fazel-o obliterado dos delirios, das hosannas da sua adolescencia?

Vivamos no passado. Vou contar-vns uma historia.

Daura era mais bella do que a lua sobre as collinas e sua face lembrava a aurora, tão fresca e tão risonha era ella ás vezes!

Quando Bruno a via, Bruno que acreditava em Deus só porque Deus a formára, acudia-lhe á mente tudo que é bello e puro, risonho e immaculado neste mundo, e elle entregava-se a sonhar tudo, que está fóra do espaço, do tempo e d'esta vida: a felicidade sem termos.

No lume de seus olhos, que falavam simultaneos de morte e de infinito, havia o mysterio das noites tropicaes, e luzir intermittente das estrellas.

Contava vinte annos, e da sua idade tinha todas as alegrias e travessuras. Tinha o sorriso mais provocador deste mundo, e quando, gracejando, confrangia de leve as pupillas e banhava-se-lhe a face num franco contentamento, era mais bella vel-a do que assistir ao mais esplendido nascer do dia em pleno mar.

Bruno a amava, mas ella...

Daura era mulher.

Estavam sentados. Bruno tinha entre as delle a mão de Daura. Era ao anoitecer. O crescente erguia-se nos cruás e, batendo nas janellas, desenhava as vidraças no pavimento e inundava de luz parte da sala. Fôra, as casuarinas sussurravam a uma branda aragem e de longe em longe ouvia-se o balar tristonho do gado da fuzenda.

— Daura fitava distrahiadamente o clarão da lua no chão da sala.

— Dauru, quero dizer-te um segredo! disse Bruno!

— Fala — respondeu ella.

— Eu te amo!

— Já o sabia! retrucou, rindo-se.

— Mas o que não sabes ainda é do juramento que vou prestar aqui de joelhos, ás tuas plantas...

Eu juro por esta lua, que é menos bella do que tu e agora nos allumia; por estas estrellas que nos miram, niunos brilhantes do que teus olhos: por toda esta natureza que nos cerca; por Deus, que fala em mim; por minha alma de poeta; por estes teus labios que eu quizera eternos sobre os meus; por estas tuas mãos que eu beijo; por tudo que é serio e bello, e puro e risonho e travesso, — que te amo, como nunca amei e como nunca mais amarei. A tua vida é a minha. Se um dia morreres, ou me abandonares, eu logo morreréi.

Daura sorriu-se, e, pondo as mãos sobre a cabeça do doído e erguendo os olhos para os céus, diess:

— Por minha infancia e por minha mãe, que lá dos céus nos escuta e vê, eu juro que te amo e que não pertencerei senão a ti; e se algum dia abandonarte...

Ouviu-se um pio, semelhante a um gargalhar satânico e nervoso: era um mocho que passava.

Daura sorriu-se e Bruno estremeceu.

— Juremos — disse elle.

— Juremos, repetiu ella — e num beijo afogou o juramento.

Bruno jurou sincero; mas Daura...

Daura era mulher.

Passou-se um anno. Quatro vezes a terra mudou de aspecto; as arvores floresceram, deram fructos e despiram-se de novo da verdura, quando o inverno passou por ellas. O mar cresceu e diminuiu mil vezes. O rio entumeceu e vasou de novo.

As estrellas brilharam, apagaram-se e de novo se atearam.

Tudo mudou e tudo está o mesmo.

Mas o coração do homem, o coração da mulher?

Bruno gastou o anno em trabalhar: noite e dia não conheceu descanso: era preciso; Daura lhe pertenceria um dia e elle ambicionava lhe os commodos de uma priaceza!

Um anno passou-se, Bruno ainda a ama; mas Daura...

Oh! Daura era mulher.

Era uma festa esplendida; luzes e flores, mulheres e harmonias,

Daura está bella e simples como as rosas brancas do caminho, está risonha como nma manhã d'estio; junto d'ella está seu noivo.

— E' um bom rapaz, mas um tanto avolumado e rubro.

Ri-se de coração, mas de um riso cheio e por demais ruidoso.

Daura contempla-o embevecida: seus olhos não vêem senão a elle, e seu coração bate tão apressado quando elle lhe toa as mãos e olha-a bem a face! Oh! ambos são felizes!

As damas formaram, em contradança

e olham-se entre si sorrindo e criticando-se; os rapazes, os bons roceiros, não cabem em si de contentes: encaram-se um tanto parvos, mas riem-se de todo o coração.

Parte o signal. Os menestres agitam-se nas poltronas em que estão sentados debaixo de um arco de verduras. O rabequista ergue seu arco e um gemido, semelhante ao de um cachorro seguro pelo focinho, sahe das cordas. Não importa. Os violões vieram-lhe em socorro; a flauta suspirou nos ares; o piston saltitou alegre como um gamo, em quanto o contra-baixo resmungava entre dentes, como um velho moralista. Tudo se agita e brinca: cabeças e flores redemeinhiam, tumultuam, enovelam-se!

Quanta cintura delgada! Que rosas e que lyrios algumas faces!

Oh! como é bello estar alegre!

Todos saltam, todos brincam, todos estão felizes!

Findou a contradança. Sempre ao pé de seu noivo. Daura não vê senão a elle.

A musica dá signal do walsa.

Novas alegrias e mais ardentes.

Walsemos — dizem todos.

Walsemos.

Daura ergue-se. Um vulto destaca-se da porta fronteira, vem até ella e dá-lhe a mão...

— Bruno!... balbucia... Bruno!...

— Dançemos; hoje é o dia de teu noivado: não podia faltar a elle; penso que não é preciso licença de teu marido. Walsemos!

Daura dá-lhe a mão: os menestres começam.

Bruno toma-lhe a cintura e fende os grupos indecisos; e, em quanto a musica geme e suspira, assim se exprime Bruno:

— E's noiva de outro: no entanto juraste-me amor sem termos: justo completa-se hoje um anno! Um anno que eu gastei dobrado sobre a terra para obter-te um sustento de princeza! Juraste-me amor por alma de tua mãe! Mentiste! expiarás a tua mentira!

— Bruno. Meu Deus!...

— Como eu te amava! Que noite se passou que não pensasse em ti, que não me ajoelhasse junto ao meu leito e orasse a Deus por ti! Em paga de tudo isto, fizeste-me desgraçado... tu...

— Ai! meu marido está nos veado...

— Teu marido! Breve has de encontrar um sabor especial em pronunciar este nome: teu marido! Ah! Ah! Esta musica não está má! Teu marido! teu marido...

— Não posso mais, Bruno! Fiz-te mal! Vejo-o nos teus olhos: perdóame...

— Perdoar-te! Não é possível: seria preciso quebrar meu juramento! Não te perdoo...

Ouviu-se um grito horroroso, um grito supremo, um grito de morte!

Todos correram. Daura tem a cabeça pendida no hombro de Bruao, que a abraça e a aconchega ao peito...

O noivo rompe a multidão.

— Daura! Daura!

Viu e estacou assombrado. Bruno! ululou depois... Que!... O que fizeste de minha mulher?...

— Tua mulher jurou ser minha. Fila cumprir a sua palavra. E desembaraçando-se d'ella, entregou-a ao noivo espavorido e sahiu da sala.

Viram-nn então todos. O sangue alagava-lhe toda a frente de seu vestido: tinha os labios entr'abertos, os olhos meio cerrados e já vidraado-se, como

os vidrados olhos de uma andorinha morta!...

O noivo olhou-a. Quiz articular uma palavra: não lhe foi possível; os labios se lhe arregaçaram n'um sorriso medonho, enquanto duas compridas lagrimas se lhe deslisaram pelas faces!

— Mór... inortu!... poude enfim pronunciar.

— Morta!

E calhiu-lhe aos pés, alagado em pranto e prorompeudo em gritos.

No dia seguinte as raparigas da modesta aldeia conduziram ao cemiterio o corpo de Daura. A mesma musica que na vespera alegrára parte do baile, seguia agora gemendo um tristonho funeral.

Enterraram a pobre morta com o seu vestido de noiva e a sua capella de flores de laranja.

Todos da aldeia assistiram ao funeral, á excepção do noivo e do assassino.

Que tinham elles que fazer ali?

Passaram-se dez dias, e ninguem os via.

Uma manhã, um dos camponios do logar, internando-se pelo matto, encontrou dois corpos; examinou-os e reconheceu Bruno e o noivo.

Os corpos estavam estreitamente abraçados e as mãos de cada qual apertava o pescoço do contrario. Duas facas estavam pelo chão.

Que luta medonha havia eido esta entre os dois inimigos? Ninguem o sabia dizer!

Daura dorme em seu sepulchro. As raparigas de logar cobrem-no de flores. Tndo ali é socego, e os passaros saltitam sobre elle...

Mas dizem que ás horas do luar... um mocho pia lugubre sobre o tumulo... emelhando um gargalhar satânico!

FERREIRA DE MENEZES.

#### NUM ALBUM

Já longe vão as eras mythológicas  
Da Grecia antiga, e da soberba Roma  
Despovoou-se o Olympo  
Ao surgir da lei nova, — o Christianismo  
Com seu facho de luz varreu as trevas  
Que escurciam porventura ainda  
O espirito dos homens;  
Foram-se os deuses, e um Deus sómente  
Substituiu essa cohorte immensa  
De immortaes, que aos miserimos humanos  
A sorte tantas vezes invejram.  
Mas as deusas ficaram, — fôra inutil  
O querel-as riscar do rol dos numes.

Quantas vezes, oh! quantas! nas angustias  
De um viver de torturas,  
E quando nos invade o desalento,  
Sentimos que nossa alma retempera-se,  
A coragem nos vem, as forças tornam,  
Ao salutar influxo feminino!  
Mulher, anjo, deidade,  
Se não fôras o norte que nos guia  
N'esta provança que se chama a vida,  
Aonde iriam haquear as crencas?!

Senhora, eis o que a mente me alembrava  
Quando ordenastes que o meu pobre nome  
Eu escripto deixasse em vosso livro;  
Em vós eu vejo a prova

De que, se os deuses já não lem mais culto,  
Não se foram os nomes femininos;  
— E sois, seahora, a deusa da Bondade.

1878.

LUCINDO FILHO,

## PLATÉIAS E SALÕES

MATINÉE DO CLUVA BEETHOVEN, THEATRINHO DA GAVEA, ESTREIA DE MODESTOS... AUCTORES.

Registrar nesta columna mais um concerto do Cluh Beethoven, é registrar mais uma victoria alcançada pelo Sr. Kiusmann Benjamim e seus companheiros e mais uma rounião do que a nossa capital possui de mais *huppé*.

Na *matinée* realisada no domingo, 16 do corrente, passámos duas horas deliciosas, preenchidas pelo seguinte programma:

*Sérénade* de Hoffmann, *Barcarole*, de S. Saens, *aria* de Bach e *Pizzicati* de Marley e Delibes, pela orquestra. D'estas peças sobresahiram os *Pizzicati*, duas joias musicaes que provocaram ruidoso entusiasmo.

A austeridade do Club impeliu-nos de pedir *bis*.

O barytono Pollero cantou com muito sentimento, um pouco demais talvez, a bellissima romança do *Rei de Lahore* e um trecho de opera ainda não terminada. Deixando de parte um pouco de pieguice, que o prejudica, é admiravel a sua voz, sau, fresca, vibrante, afinada, e a sua dicção perfeitamente clara.

Maurice Richiard, incorrigivel no seu defeito de não colorir o seu canto, forçando a voz do principio ao fim, interpretou a cavatina de *La Juive* e a *aria* de *Jerusalem*.

O Sr. Kinsmanu Beajamin, no violino tocou a *romance* de Svendsen, valendo-lhe a primorosa execução calorosas felicitações.

O Sr. Nepomuceno completou o programma com uma inspirada pagina de Beethoven, sendo muito applaudido; assim como o Sr. Duque Estrada Meyer, um dos nossos artistas mais conceituados.

Suas Altezas assistiram á *matinée*, que, como já dissemos, proporcionou-nos mais uma occasião de admirar a elegancia e a formosura das nossas *high life*anas.

Os amadores do theatrinho da Gavea deram, no sabbado passado, um espectáculo, que se não foi dos mais concorridos, devido ao má tempo, foi um dos que mais agradáram. A espiituosa comedia em 3 actos *Cosinha, casa de jantar e sala* conservou a platéia em uma hilaridade incessante, interpretada como foi por todos os que nella tomaram parte.

De um intervallo a outro, encarregaram-se os Srs. Pinto de Abreu e Arthur Gonçalves de dar um desopilante *supplemento*, representando o primeiro a scena comica « Viagem á roda do mundo a pé » e n' segundo « Minha familia » do repertorio do ingenho Silva Pereira. Uma noite cheia! E que platéia! retira-se a gente do theatrinho pensando em idyllios e lua do mel!

Está annunciada para o dia 31 do corrente, naquella palco, uma recita de auctores.

Serão representadas produções de socios do theatrinho. Já estão escolhidas: *Kelly*, traducção do francez pelo Sr. F. Coimbra; *Afinal a mesa está posta*, cujo auctor desconhecemos, e a comedia em 1 acto *Um estratagemna conjugal*, original do Sr. Alexandre Gasparoni.

Os estreitantes recommendam-se á benevolencia dos frequentadores do theatrinho da Gávea.

D. PICCOLINO.

PARNAZO ALEGRE

A UMAS ORELHAS

(EPIGRAMMA)

Que orelhas grandes! Tapam-te os olhos! ..  
Da Suissa os montes não são tamanhos!  
Nem são orelhas, estes trambolhos,  
São dois de carne mundos estranhos.

Pra que esse immenso par de orelheiras  
Podesse em mezes architectar,  
Talvez que algumas seis consilheiras  
Jeboval deixasse de fabricar.

O teu ouvido hosques encerra!  
Se as operosas, loiras abelhas  
Morressem todas, a toda a Terra  
Dariam cêra tuas orelhas..

Se alguém num ermo fosse encontrar-te  
Sob as orelhas, quedo, a dormir,  
Vendo-as, diria por toda a parte  
Que um paiz vira por descobrir.

Pra que um mosquito fazer lograsse  
Algum prurido nessa epiderme,  
Fera preciso se transformasse  
Num lobo, ou mesmo num pacbiderme!

E das batalhas ante os perigos,  
Certo que nestes dois pavilhões,  
Entrar haviam, — dos inimigos  
Ficando livres, — os batalhões!

Se tu levasses duas semanas  
Sem vasculhar-as, estercor immundo  
Dariam essas duas cabanas  
Pra's as hortas todas que ha pelo mundo!

E se uma peça de artilharia  
Fosse um ouvido só d'esses teus,  
Com um só balasto derrubaria  
O Pão d'Assucar e os Pyreneus!..

Temer não debes rafo e cubuas ..  
Com taes barracas, de cêra cheias,  
Lembras formigas, das taes saúvas,  
Levando ás costas duas baleias!

E o craneo em via ferrea encostando,  
São teus ouvidos um baeiro tal,  
Que um trem iria nelles passando,  
Como num tunel de pedra e cal!

Se, um dia, dentro do Mar cabissem,  
Muitos navios naufragariam! ..  
Quatro gibolas se um dia as vissem,  
Comel-as todas não poderiam!

Que som te chega da orelha ao centro?  
Pra que ouças de uma musica o som,  
Da orelha orchestras colloca dentro,  
— Porem compostas de bombardon.

Se um fero tigre te accomettesse  
Em meio ás mattas, alguma vez,  
Pra que ao teu corpo chegar pudesse,  
Roeria orelhas durante um mez!

Se se acabassem as olarias,  
Essas orelhas, tão singulares,  
Sem muito custo, transformarias  
De longas telhas em scentenares!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

THEATROS

Por carta recebida de Buenos Ayres, sabemos que o grando Emanuel tem tido delirantes successos, especialmente no *Othelo*, *Morte Civil* e *Figaro*.

A esperançosa Virginia Reiter, contra n expectativa, teve um acolhimento um tanto frio. Acbamos injusto tal proceder da parte do publico buenarense.

A talentosa actriz merece já provas de admiração e palavras de animo, pois tudo possui para tornar-se uma sumidade artistica.

Roncoroni, o sympathico, insinuante e gracioso Roncoroni, só tem podido fazer-se applaudir em comedias de 1 acto. Em Buenos Ayres, como aqui, uma secreta má vontade, partida de algum genio maligno dos bastidores, o tem afastado do quadro luminoso da companhia e impedido de fazer apreciar os seus dotes de actor consciencioso e finamente comico.—Consolte-se Roncoroni, poleudo crer que deixou no nosso publico grata recordações e que a sua volta ao nosso paiz será sempre saudada com effusão e jubilo.

As receitas tem sido esplendidas. Em quatro espectaculos ganhou a empreza 42:000 francos!!!.

EDEN-CONCERTO

Não ha como ter talento *saber ver* o que é bello, o que é bom, o que é *chic*.

Neste caso está Furtado Coelho, o eminente actor, o perfeito *gentleman*, o emprehendedor audaz, original e activissimo.

No anno passado, ao terminar a sua ultima estação theatral, partio para Pariz, com uma idéia a *parafusar-lhe a bola*: — transformar o seu querido theatrinho Lucinda em um Eden no *Eden-Concerto*.

Lá se munio de tudo o que era necessario á realisção da sua idéia e voltou e chegou e metteu mãos á obra, e dois mezes depois annunciava a inauguração do *Eden-Concerto*! E' hoje.

Isto é que é homem!

Convidado pelo seu amabilissimo director, visitámol-o hontem. Uma *boite à surprises*, mas á *beaucoup de surprises*. O magico Furtado Coelho transformou aquillo, inteiramente, em um verdadeiro *Edensinho*, a que não faltaria, para ser completo, o « fructo prohibido. » Ha ali de tudo: salões para toda especie de jogos: de cartas, bilhares, dynamometro, pião hollandez, tiro oriental, bagatella; salões para palestra e consummações; botequins por todos os lados, bem sortidos e de preços communs, kiosque para bilhetes de loteria, outro para café; *vitrinas* com exposições de generos de varias ensas commerciaes, das mais importantes, uma *pedra* para publicação de noticias commerciaes, maritimas, politicas e outras,—em summa: ha o diabo. E não falámos ainda no interior do theatro, que está ainda muito mais *bijou* do que era, com tres ou quatro filas de cadeiras, apenas, sendo destinado o palco aos concertos diarios, tendo uma orchostra fixa de 30 professores, sob n regencia do maestro Gravestein.

Não falei tambem ainda no *Eden-*

*Concerto Club* — Já se vé que eu eou nm dos quarenta socios (os quarenta immortaes?) e que pretendo aproveitar, muito aproveitadinhas, todas as regalias e todos os direitos que me outorga o cartão de socio.

Emfim, inaugura-se hoje.

Depois conversaremos sobre o acolhimento que teve a admiravel idéa de Furtado Coelho, a quem, por conta, vamos dando já uma carrada de sinceros e entusiasticos parabens.

PHENIX DRAMATICA

Com regular concurrencia deu-nos hontem a empreza d'este theatro, em *reprise*, o espectacularo drama *O terremoto das Antilhas*.

Todos os artistas interpretaram com agrado geral os seus personagens, sendo applaudidos e victoriados pela plateia.

A peça está posta em scena com muito capricho e são de bello effeito as suns scenographias.

E' por todo os motivos merecedora da coajjuvação publica a empreza Primo da Costa pois que não poupa sacrificios para a montagem de peças, como esta, muito do agrado das nossas plateias.

P. TALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

GRUTA DAS FLORES

Sob a direcção da distincta pianista D. Francisca Gonzaga, e com grande brillantismo, deu este Club o seu concerto inaugural a 15 do corrente.

Não sabemos o que mais applaudir, desde a magnifica *ouverture Mchabet*, desempenhada com toda a arte pela banda do corpo de policia da Provincia, até a deslumbrante *Ujára-Improptu*, briosamente executada por D. Francisca Gonzaga. Tudo foi um arrebatamento, um *elens magico*, que nos levou ás regiões da admiração e do extasi.

Gregorio de Rezende, um grande clarinetista mineiro, quasi desconhecido do nosso publico, mereceu os mais ardentes applausos, obteve um verdadeiro successo.

A sua clarinetta arrebatava, fascina. Não temos lembrança de ninguem que lhe leve vantagem na arte de tocar este difficilissimo instrumento.

D. Francisca Gonzaga, Cernicchiaro e o intelligente amator Fontes, com a sua delicadissima cythara de arco, e os demais artistas foram freneticamente applaudidos.

Depois do concerto, terminado á meia noite, seguiram-se as danças, que se prolongaram com grande animação até de manhan.

A' directoria do Club, composta de aenhoras distinctissimas, foi de uma amabilidade sem limites para os seus convidados.

Sabimos de lá penhoradissimos.

Não podemos deixar de felicitar a D. Francisca Gonzaga pelo brilhante concerto que organisou.

Parabens a Nichtsroy.

CONGRESSO BRAZILEIRO

Não podia estar mais animado do que estevs, e nem tão concorrido, o brilhante sarão-concerto, que a mui festejada sociedade Congresso Brasileiro n 15 do corrente realisou.

As distinctas amadoras e nmadores que por gentileza tomaram parts no concerto vocal e instrumental, desempenharam os escolhidos trechos do programma com toda a perfeição, merecendo grandes applausos.

Após o concerto, começaram as danças, continuadas até que a musica deu signal de findo o baile com o *grand galop*, e assim tambem saudou o dia, que radiante ia apparecendo, o a illustrs e gentil directoria, não se descuidou um momento dos seus convidados, obsequiando-oa cavalheirosamente.

CLUB HÉBE

Perante numerosa s escolhida concurrencia, a elegante sociedade Club Hébe, realisou no sabbado paesado o seu 11º sarão concerto.

No concerto vocal e instrumental, as distinctissimas amadoras e os amndores foram, como empre, muito bem, merecendo por isso repetidas ealvae de palmas.

O baile foi até de madrugada, sempre animadissimo.

TIO ANTONIO.

FACTOS E NOTICIAS

O nosso estimado collega do *Diario Mercantil* Gaspar da Silva foi, ha dias, surpreendido com a imprevista e tristissima noticia de haver fallecido em Portugal seu irmão Julio, um rapaz de talento, que, com brillantismo, cursava o quarto anno de Direito na universidade de Coimbra.

Não faremos pbrases sobre tão grande desgraça: abraçamos, unicamente, a Gaspar da Silva. Elle bem sabe o quanto vale sm sentimento e nosso triste abraço.

O nosso estimado collaborador Dr. Rodrigo Octavio foi nomeado promotor publico de Santa Barbara. S. Jeronymo!..

RECEBEMOS

— « Collecção geral dos horarios de trens das ferro-vias do Municipio Nautro e das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes, com o preço das passagens etc. (Sstembro). » Um grosso volume, bem impresso e cartornado. Impoitante e utilissimo trabalho, que muito honra o zelo e a intelligencia do Dr. Ewbank da Camara, digno director da Estrada de Ferro D. Pedro II. Além de todaas as indicações precisas quanto ás distancias, horarios, preços de passagens etc traz este gnia os varios regulamentos da E. F. D. P. II e das que com ella entroncam e se relacionam.

—Estatutos do Club Republicano Casa-Branquense.

—A Herdeira de Birague, fasc. 4.

Recurso Crime. Recorrente D. Marianna da Silva Araujo e recorrido José Maria Lopes dos Reis.

—Trabalhos da Secção de Estatística, annexa á 3ª Directoria da Secretaria dos Negocios do Imperio. Muito importante.

—Postillas de grammatica ingleza. Coordenadas segundo novo programma da Instrução Publica, por Jasper L. Harben. 1º Fasciculo.

**ANNUNCIOS**

**Dr. André Rangel.** — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

**F. Navarro de M. Salles** — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

**Dr. Araujo Filho** — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

**Julio Cezar Tavares Paes** encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O **Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com accio e optima cosinba. Esplendido terraço com caramanchões.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

**C ?  
CAN ?**

**ONDULAÇÕES SONORAS**

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 3\$000. Encad. 4\$000.

**Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes**—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

**Alvores matinaes**, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

**Pharmacia Monteiro** Praça da Constituição n. 28, em frente á estatu. Vinho de pepsina e diastase paucreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

**Almanack de Casa Branca** Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F Leopoldina. Minas.

**C ?  
CAN ?**

**Solicitador**—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fóra.

**Augusto Luzo.** — incumbese gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

**LYCEU DE S. GONÇALO**

Provincia de Minas Geraes, cidade de S. Gonçalo do Sapucahy

Neste collegio leccionam-se todas as materias do curso primario e as do secundario necessarias á matricula nos cursos superiores do Imperio.

As aulas funcionam desde o dia 7 de Janeiro até o ultimo dia util de Outubro.

O DIRECTOR,

José Gomes dos Santos Guimarães.

**OBRAS COMPLETAS**

DE

**CAMILLO CASTELLO BRANCO**

O primeiro a publicar, **RETRATO DE RICARDINA** todos os volumes serão *Illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Sis.*

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um **RETRATO DO AUCTOR** aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom **RETRATO MODERNO DE**

**CAMILLO CASTELLO BRANCO**

A edição é **LUXUOSA**. A publicação far-se-ha em fasciculos de **72**, ou **60** aginas e uma **GRAVURA**, pelo preço de **500 rs.**, cada uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado. Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acabam á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

**José Antonio de Freitas**

**HAMLET**, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol..... 4\$000

**OTHELO**, tragedia em 5 actos. 1\$500

**Henrique Lopes de Mendonça**

**O DUQUE DE VIZEU** drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 acto..... 4\$000

**SGANARELLO**, comedia em 1 acto de Molière, versão..... 800

**Erekmann Chatrian**

**O ILLUSTRE DR. MATHEUS**, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro..... 2\$000

**D. Guiomar Torrezão**, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Macbado e Candido de Magalhães *Contos Cór de Rosa*..... 2\$000

**Braz Tizana Junior**

**CASAMENTO IMMACULADO** 800  
**POR VARIOS ESCRITORES**

**UNIVERSO ILLUSTRADO**, 5 vol. com 524 gravuras..... 25\$000

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

**ALFAIATARIA**

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punbos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

**GRANDE FABRICA DE FLORES**

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

**COLLEGIO INTERNACIONAL**

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

**AS ULTIMAS NOVIDADES**

em legitimos e superiores chapéos ingleses e francezes encontram-se na

**CHAPELARIA INGLEZA**

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

**LYRICA**

DE

**FILINTO D'ALMEIDA**

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

**VERSOS E VERSÕES**

DE

**RAYMUNDO CORRÊA**

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado